

BOSQUEJOS DE CATEGORIAS EM PSICOLOGIA AMBIENTAL

BOSQUEJOS DE CATEGORIAS EM PSICOLOGIA AMBIENTAL FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL. (ESTE BLOG ESTÁ EM ELABORAÇÃO).

SEXTA-FEIRA, 7 DE AGOSTO DE 2009

APRESENTAÇÃO

O ponto de vista ontológico fenomenológico existencial, como de resto em toda a psicologia e psicoterapia, ensaja a abertura de todo um campo de altitude, de um campo conceitual, e metodológico, em psicologia ambiental. Psicologia Ambiental que passa assim a se constituir especificamente como uma psicologia ambiental ontológica e fenomenológica existencial dialógica.

Este ponto de vista ontológico, fenomenológico existencial, permite que possamos apreender o Ambiente e-a-nós-próprios como um ser íntegro, ser no mundo, dialógico, na originalidade e indissociabilidade de sua implicação, na vivência de sua ontológica fenomenológica existencial. Esboçamos ensaisticamente as possibilidades de alguma fundamentação desta psicologia ambiental fenomenológica existencial dialógica no ensaio O Ambiente somos nós, e no ensaio Objetivismo e ambienticídio.

A partir deste ponto de vista de uma psicologia fenomenológica existencial dialógica, podemos esboçar e constituir experimentalmente um conjunto articulado e original de categorias de psicologia ambiental, que pode nos auxiliar na compreensão e afirmação de nossas pertinências e relações ontológicas enquanto seres ambientais, e que pode nos auxiliar a denunciar os modos de violência e de violentação das condições destas pertinências e destas relações, e os modos das harmonias ambientais das quais fazemos parte, e às quais podemos constituir sustentavelmente. Da mesma forma que pode nos auxiliar na constituição de alternativas metodológicas de concepção e de método em psicologia ambiental.

A partir da compreensão e da afirmação desta nossa ontológica pertinência e cabimento ambientais, intrínsecos ao ponto de vista fenomenológico existencial dialógico, e ao ponto de vista da psicologia ambiental fenomenológica existencial, podemos constituir as premissas de uma ética ambiental. Ética ambiental esta que é eminente e especificamente estética, existencialmente afirmativa, a partir das premissas da Fenomenologia, do Existencialismo, e da Filosofia da Vida; e a partir da própria qualidade íntegra e dialógica do ser ambiental que vivencialmente, fenomenológico existencialmente, dialógicamente constituímos ontologicamente. Da mesma forma que podemos constituir as premissas de uma pedagogia e de um manejo ambiental ontológico, estética e ambienticamente fundamentado.

POSTADO POR BLOG DO AFDONSO ÀS 01:57 LINKS PARA ESTA POSTAGEM

FENOMENOLOGIA AMBIENTAL

A Fenomenologia, o Existencialismo, a Filosofia da Vida, a Dialógica apontam para dois modos de sermos que nos constituem enquanto humanos. O modo de sermos ontológico. E um modo de sermos ético.

Na experiência do modo ético de sermos -- modo de sermos como coisa, ao qual Buber, por exemplo, designou como eu-isso --, sujeito e objeto se dicotomizam, e se contrapõem, reificando-se, no limite, como sujeito em si, e objeto em si; definidas em si uma subjetividade e uma objetividade ideais, não vivenciáveis. Um mim mes-mo, e um eu mundo reificados, e cristalizados, enquanto coisas, que em suas extremizações se enrijecem, e se impermeabilizam.

Faltese a dialógica do ser no mundo, o movimento em direção, e a partir de uma alteridade radical com a qual estamos ontológica-mente implicados. Esse modo de sermos, a que Buber designou como eu-isso, é naturalmente constituínte do ser que somos. A sua prevalência e enfraquecimento da alterância com o modo ontológico de sermos, aparta-nos, e aparta o mundo, ainda que nunca de um modo excludente, da condição de nosso modo ontológico de ser.

Na medida proporcional assim em que, progressivamente, se fragilizam a vivência de possibilidades e o desdobramento de possibilidades, inerentes e intrínsecos ao nosso modo ontológico de ser, fragiliza-se a consciência e a motricidade especificamente ativas, criativas, na medida em que a o vivência de possibilidades, e do desdobramento de possibilidades constituem o que chamamos de a-ção.

A ação pode se dar como vivência meramente compreensiva, ou como vivência compreensiva e motora. Mas, necessariamente no modo compreensivo de sermos, a ação, a interpretação compreensiva, é vivência do modo de sermos da potência, da vivência de possibilidades, e da vivência do desdobramento de possibilidades. Da estética, estética, e da poiese, como criação fenomenológica existencial, ontológica, dialógica.

A experiência do modo ético de sermos -- no qual se constitui em tanto o nosso modo teórico de sermos, como o nosso modo comportamental, e pragmático -- se caracteriza, assim, pelo fato de que neste modo de sermos não vivenciamos possibilidade, e o seu desdobramento, no que chamamos de ação, de atualização, de interpretação compreensiva, performance e performance fenomenológica existenciais dialógicas.

Vale dizer que, na vivência predominante do modo ético de sermos, também, a mente progressivamente tende a se reificar, co-mo uma mente em si; destacada e contraposta a um corpo em si, igualmente desprovidos da vivência compreensiva da potência do possível, da possibilidade, e da ação compreensiva, ou compreensiva e motora. A alienação do ambiente e alienação do corpo se implicam reciproca e necessariamente.

Na sua momentaneidade, este modo ético, eu-isso, de sermos faz parte do que somos; ou seja, é uma dimensão, também, da ontologia de nós mesmos. Só se caracterizando como problemático em suas extremizações, e instalações, quando prescreve e impede a alternância com o modo ontológico, vivencial, fenomenológico existencial, eu-tu, de sermos.

O modo ontológico de sermos -- comum a todos nós, enquanto humanos, em alternância com o modo ético de sermos --, ainda que freqüentemente desvalorizado, ou mesmo negado, ou mal entendido no âmbito de uma civilização tecnológica, pragmática, e comportamental, é o modo ontologicamente originário de sermos, dele deriva o modo ético de sermos; e o retorno existencialmente cíclico a ele permitenos, sobretudo, assim, a vivência da ação, a partir da vivência do possível e do desdobramento do possível, que lhe é exclusiva, e própria.

Este modo ontológico de sermos tem características muito peculiares, eventualmente desconcertantes, no âmbito de nossa civilização, inconvenientes; mas características, e condições de possibilidade de nossa ação, de nossa criação. Quer seja a um nível e numa modalidade meramente psicológica, meramente compreensiva; quer seja ao nível e numa modalidade psicológica, compreensiva, e motora.

Dentre as mais fundamentais características deste modo ontológico, eu-tu, de sermos, destaca-se, pela intencionalidade, a sua condição como um modo de sermos no qual se dissolve a dicotomia sujeito-objeto. De forma que no modo ontológico de sermos tende-mos a um tipo característico de vivência em que superamos esta dicotomização. Ainda que a vivência de nosso modo ontológico de sermos seja uma forma de vivência na qual não vigora a dicotomia sujeito-objeto, neste modo de sermos vigora caracteristicamente a dualidade da dialógica eu-tu, na qual nós mesmos e o ambiente se nos damos como alteridades radicais, e ativas, necessariamente implicadas, numa dialógica, como dia-logos.

A dimensão deste modo ontológico de sermos não se dá como nosso modo reflexivo de sermos, como o modo teórico de sermos. Ela se dá especificamente como vivência, ou seja, é pré-reflexiva, pré-conceitual, pré-teórica. Da mesma forma que é pré-comportamental, e pré-pragmática. Ou seja, ainda que constitua as bases sobre a qual pode se desenvolver a teoria, é ele mesmo um modo momentaneamente pré-teórico de sermos; ainda que constitua as bases do comportamento, e da utilidade e da funcionalidade, é ela mesma, em si, na qualidade própria de sua vivência, pré-comportamental, pré-prática, pré-pragmática.

Uma característica fundamental assim dos momentos da duração deste modo ontológico de sermos -- do modo ontológico de sermos ambientais --, é a de que, enquanto duram, eles são caracteristicamente desproporcionais. Ou seja, o modo de sermos de sua vivência é um modo de sermos no qual não vigoram as relações de causa e efeito -- a causalidade --, e a utilidade; o uso e a utilidade. Neste modo de sermos estamos vivencialmente impregnados de possibilidades, e, caracteristicamente, o que vivenciamos são as possibilidades que se apresentam, e se impõem, e o seu desdobramento criativo e poético, no que chamamos de ação. As possibilidades têm uma potência e um sentido próprios, e somos a vivência de sua potência e do seu sentido. Podemos viver ou recusar a possibilidade, e o seu desdobramento; ou podemos vivenciá-la e navegar o seu desdobramento, mas este processo da vivência da possibilidade e de seu desdobramento é eminente e especificamente desproporcional; não é do modo de sermos no qual vigoram as relações de causa e efeito, e a utilidade.

Caracteristicamente, pois, o modo ontológico de sermos, enquanto eminentemente impregnado de possibilidade, e de possibilitação, se configura como sendo, naturalmente, da ordem da potência do possível, e de seu desdobramento; o que faz com que ele não seja da ordem do real, da realidade, do realizado. Já que a vivência de possibilidade e de possibilitação, e a experiência da realidade, se contrapõem antinomicamente como modo de sermos. A vivência ontológica, eu-tu, a ação, a criação -- poiese --, é da ordem da vivência de possibilidade, e da vivência do desdobramento de possibilidade, é a atualidade e atualização, e, ainda que seja da ordem da realização, não é da ordem da realidade.

O ambiente pode se dar quer seja ao modo ético, ou ao modo ontológico de sermos. O ambiente pode se dar existencial, ou não existencialmente. Mas em sua raiz, em seu caráter originário, como o ser de tudo, no ser no mundo, o ambiente é própria e especificamente vivência ontológica.

Grosso modo, esse modo de sermos que podemos chamar de ontologicamente ambiental, pode ter várias designações ao nível da ontologia. É o modo de sermos a que Dilthey chamou de vivido, vivência (erleben, erlebeniss, ambas as palavras se referindo a vida, Leben). Guardando a especificidades de cada referência, é o modo de sermos dialógico, a que Martin Buber chamou de eu-tu; o modo de sermos que Heidegger designou de ontológico; que Husserl designou de lebenswelt...

Este modo de sermos a que podemos designar de ontológico, é, assim, o modo de sermos no qual vivenciamos a indissociabilidade de sermos ambientais, a integridade entre nós mesmos e o que enten-demos por meio ambiente, a integridade do ser do qual fazemos indissociavelmente parte, e que podemos assim chamar de ambiente. Neste modo de sermos, estamos indissociavelmente implicados, com o ambiente, e como ambiente, somos, nesse modo de sermos, ambientais.

De modo que, como observamos, ontologicamente, e ontologicamente ambientais, não temos uma objetividade, nem uma subjetividade em si, para que possamos constituir o ambiente como objeto, e a nós próprios como sujeitos de um ambiente predominantemente objetivo, causalmente manipulável em sua essência, pragmático e pragmáticozível. Ainda assim, o ambiente se dá como, e desdobra, permanente e infinitamente a alteridade radical de um tu em cujo mistério, e na dialógica com o qual, implicamos e estamos implicados. A partir das premissas dessas perspectivas podemos bosquejar experimental e especulativamente as categorias de uma tal psicologia ambiental fenomenológica existencial. Comentamos algumas a seguir.

POSTADO POR BLOG DO AFDONSO ÀS 01:56 LINKS PARA ESTA POSTAGEM

AMBIENTE

Ambiente é o conceito fundamental em psicologia ambiental fenomenológica existencial dialógica. Não se trata do ambiente no sentido ético do senso comum. Em sua qualidade específica e originária, o ambiente é concebido na dimensão de sua vivência ontológica, fenomenológica existencial dialógica. Assumimos toda a implicação da vivência ambiental ontológica fenomenológica existencial, na qual, pela sua característica intencionalidade, o ambiente não se destaca como objeto, numa dicotomia sujeito-objeto, mas se dá numa correlação tão intrínseca, característica do modo de sermos a que Buber designa como sendo da relação eu-tu. Para a qual não tem sentido conceber um dicotomia sujeito-objeto em relação ao ambiente, ou seja, não faz sentido conceber um ambiente em si, ou um sujeito em si. Ainda que o ambiente se dê com a alteridade absoluta de tu, com o qual estamos dialógicamente implicados.

Assim, o ambiente, efetivamente, não é o que se nos dá, no nosso modo ético, eu-isso, na experiência de nosso modo de sermos como coisa. O ambiente, ou o sermos ambientais, a nossa intrínseca ambiência (v.), só nos é dada em nosso modo ontológico, fenomenológico existencial dialógico de sermos.

Esse modo de sermos, o sermos ambientais, fenomenológico existenciais dialógicos, é todo ação. Ação meramente psicológica, digamos: ação meramente compreensiva; ou ação compreensiva e motora. Na medida em que, nesse modo de sermos, fenomenológico existencial, ontológico, dialógico, somos abertura para a vivência da potência de possibilidades, que se desdobram -- no que entendemos como poiese, interpretação fenomenológica do existencial, interpretação compreensiva. Ação.

De modo que o ambiente como vivência, especificamente o ambiente como vivência de ação, ontológico, é diferente do ambiente como coisa, ético, -- o ambiente como acontecer, como acontecimento, é diferente do ambiente como acontecido.

No ambiente como ação estamos incontornavelmente implicados, o ambiente como ação é afirmação ontológica, o ambiente como ação dá-se como relação eu-tu. Da mesma forma que não é do modo de sermos da dicotomia sujeito-objeto; o ambiente como ação está fora do modo de sermos (eu-isso) da relação de causa e efeito. O ambiente como ação dá-se como vivência, modo vivencial de sermos, que não é da ordem do modo de sermos da relação de causalidade, da relação de causa e efeito. A vivência do sermos ambientais, não sendo do modo de sermos da dicotomização sujeito-objeto, nem do modo de sermos da causalidade, animada e impulsionada pela vivência de possibilidade e do desdobramento de possibilidade, é, assim, própria e especificamente, desproporcional; na medida em que a ação: interpretação fenomenológica existencial compreensiva: compreensão: poiese; é, própria e especificamente, desproporcional. Ainda que plenamente consciente, e criativa, no sentido artístico, fenomenológico existencial, dialógico, dionisíaco, do termo.

O ambiente como ação, o ambiente em sua vivência ontológica -- evidentemente disponível a qualquer ser humano, na medida em que esteja disponível para este modo vivencial e ontológico de ser --, é, assim, vivência corpo-ativa; não é abstração: é corpo, vivido, ser-tidos; é estético, é estético, é per-feito, ou gravita para a per-feição -- enquanto modo performático, fenomenológico existencial performático, de fazer poieticamente, a partir da vivência e desdobramento do pulso do possível (que ainda pulsa, todavia...). É o ambiente presente, o ambiente como acontecer. O presente é o modo de sermos de pré-coisa, que se caracteriza pela atualidade, ou seja, por ser ato, ação, que se dá ao modo de sermos, ontológico, de pré-coisa, de pré-ente: presente.

No "meio ambiente" como coisa, na experiência de nosso modo ético de sermos, o ambiente pode se constituir como realidade objetiva, como realizado, pode se constituir como realidade -- e não como possibilidade, e desdobramento de possibilidade, não como ação. O "ambiente" neste modo de sermos não é implicação ontológica. As-sim, o ambiente neste modo ético de sermos pode se constituir co-mo um meio ambiente teórico; conceitual, explicativo; ou como um meio ambiente ético, ou como um meio ambiente prático, pragmático; ou como um meio ambiente comportamental. É da ordem da aconte-cido, e não da ordem do acontecer. E pode ser manipulado objetivamente, negativamente, segundo uma concepção de uma sua utilidade, e, não do desfrute de sua atualização, como desfrute da atualização de nós próprios.

O ambiente não é um ecossistema, não é um sistema casa, no qual vivemos enquanto seres biológicos. No íntimo de nosso ser, no íntimo de nossa vivência ontológica, fenomenológica existencial, me-diada pelas culturas de nossa pertinência, existe entre nós e o ambiente uma correlação tão intrínseca, que é anterior a qualquer possibilidade de dissociação, e apenas suscetível à dialógica.

Não faz sentido, assim, neste modo de sermos, falar de dissocição. Assim, a idéia de ecossistema, a idéia de eco-logia não dá conta de nosso logos ambiental -- o sentido que efetivamente vivenciamos como ambiental. A rigor, e originariamente, não vivemos numa oikos, que seria o ecossistema. Mas somos ontologicamente, na es-sência de nosso ser, que é vir a ser, ambientais;entes ambientais, abertos ao ser do ambiente como ser a que somos propriamente pert-nientes: pertencemos de um modo indissociável, ainda que eminente-mente dialógico -- de relação, o que quer dizer implicação, com uma alteridade radical --, pertencemos a um ser que envolve e imbrica o meio ambiente e o que entendemos como nós próprios enquanto sujeitos. Parece, portanto, que, apesar do seu romantismo, teremos que abrir mão ou relativizarmos a palavra ecológica; e pelo menos o seu conceito, num sentido fenomenológico existencial e dialógica-mente ontológico.

POSTADO POR BLOG DO AFDONSO ÀS 01:55 LINKS PARA ESTA POSTAGEM

AMBIELOGOS

Nossa ontologia, e nossa vivência ontológica fenomenológica existenciais, que são fenomenativas, são vivências de nossa co-pertinência e implicação ontológica e dialógica com o que, ao nosso modo não ontológico de ser, entendemos como meio ambiente. Esta vivência intencional, fenômeno e dia lógica, é logos, é sentido, é ambie-logos. Como tal, e como fenômeno logos, dia logos, o ambie-logos é eminente e essencialmente ativo, compreensivamente interpretativo, e hermenêutico, portanto. Ou seja, é pré-compreensivo e compreensivo, e é vivência de possibilidade, que se insinua pré-compreensivamente, e que se desdobra compreensivamente na pre-ntuição da ação, que pode se configurar como ação, interpretação, compreensivas, meramente compreensivas, ou compreensivas e muscularmente motoras.

POSTADO POR BLOG DO AFDONSO ÀS 01:54 LINKS PARA ESTA POSTAGEM

AMBIELOGIA

Ambielogia é a hermenêutica ambiental, e ambientativa, fenomenológico existencial. É conhecimento e motricidade muscular compreensivos e ativos.

POSTADO POR BLOG DO AFDONSO ÀS 01:53 LINKS PARA ESTA POSTAGEM

AMBIÊNCIA/AMBIENTIDADE

Ambiência/ambientidade é a qualidade vivencial do modo de sermos ontologicamente ambientais. Ou seja, o modo fenomenológico existencial, dialógico, de vivência, de sermos ambientais.

POSTADO POR BLOG DO AFDONSO ÀS 01:51 LINKS PARA ESTA POSTAGEM

AMBIENTAMENTO/AMBIENTUALIZAÇÃO/AMBIENTUALIDADE/AMBIENTATIVIDADE/...

A ação é especificamente inerente ao modo ontológico, compreensivo, fenomenológico existencial dialógico, de sermos. Na medida em que a ação é a vivência, compreensiva, do desdobramento de possibilidades, e todo este modo de sermos é apenas vivência de possibilidades e do desdobramento delas.

Assim, este modo de sermos é todo ele ação, é todo ele movimento, acontecer e acontecimento, na medida em que está todo ele, em sua duração sempre cíclica e momentânea, impregnado de possibilidade e de possibilitação; ou seja, de desdobramento de possibilidade, no que entendemos por ação, no sentido fenomenológico existencial dialógico.

A ação é o que entendemos por interpretação fenomenológica existencial dialógica. Que é ontológica, e compreensiva. Interpretação compreensiva, na medida em que a vivência deste modo ontológico de sermos é toda ela da ordem da compreensão. Este modo compreensivo de sermos é da ordem da implicação, diverso do modo de sermos ético da explicação, da mesma forma que diverso do modo comportamental de sermos, e do modo prático de sermos.

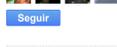
De forma que a momentaneidade da vivência ambiental fenomenológico existencial dialógica, ontológica, é, todo ela, ação: vivência compreensiva, implicativa, de atualização de possibilidades, no âmbito de sua duração.

A qualidade própria da ação no âmbito da vivência ambiental, meramente compreensiva, ou compreensiva e motora, implicativa, é o que entendemos como ambientação, como ambientação, ambientualização, como ambientatividade, como ambientatualidade.

POSTADO POR BLOG DO AFDONSO ÀS 01:50 LINKS PARA ESTA POSTAGEM

SEGUIDORES

Seguidores (4)



Seguir

ARQUIVO DO BLOG

▼ 2009 (22)

- APRESENTAÇÃO
- FENOMENOLOGIA AMBIENTAL
- AMBIENTE
- AMBIELOGOS
- AMBIELOGIA
- AMBIÊNCIA/AMBIENTIDADE
- AMBIENTAMENTO/AMBIENTUALIZAÇÃO/AMBIENTATIVIDADE/...
- COMPRENSÃO
- COMPRENSÃO AMBIENTAL
- DISAMBIÊNCIA/DISAMBIENTIDADE
- DISAMBIENTAMENTO/AMBIENTUALIDADE/DISAMBIENTATIVIDADE
- DESAMBIÊNCIA/DESAMBIENTATIVIDADE
- DESAMBIENTAMENTO/AMBIENTUALIDADE/DISAMBIENTATIVIDADE
- HERMENÊUTICA AMBIENTAL/HERMENÊUTICA AMBIENTATIVA
- ESTÉTICA AMBIENTAL
- LOGOS AMBIENTAL (V. AMBIELOGOS)
- PREDUÇÃO AMBIENTAL
- PRESENTE
- AMBIENTAL/PRESENTIDADE AMBIENTAL
- PRESENTE
- AMBIENTATIVA/PRESENT E AMBIENTATIVO
- CONCLUSÃO
- Bibliografia de Referência